O musicar da Bolívia Paulistana: caminhos de uma diáspora

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: ETNOMUSICOLOGIA

Cristian Felipe Roa Lesmes
Universidade Estadual de Campinas - cfroalw@gmail.com

Resumo: A Praça Kantuta, em São Paulo (SP), se constituiu historicamente como um espaço de encontro dos mais de 100.000 migrantes bolivianos que moram na cidade de São Paulo. Localizada no centro da cidade, no bairro Canindé, a praça abriga uma feira tradicional nos domingos, onde diversos grupos artísticos ensaiam e se apresentam. Ao estudar as práticas relacionadas com o musicar na Praça, buscamos entender como ele se articula à própria organização da comunidade migrante, como contribui com a construção dessa localidade, e como pode ser um índice do caráter diaspórico dessa comunidade de migrantes. Para isso foi realizado trabalho de campo etnográfico em contextos físicos e virtuais.

Palavras-chave: Musicar. Diáspora boliviana. Localidade.

The Musicking of a Bolivia in São Paulo: Paths of a Diaspora

Abstract: The Praça Kantuta is a square in São Paulo's city center that became known as a meeting place for the more than 100.000 Bolivian migrants that live in this Brazilian city. Located in the Canindé neighborhood, the Praça Kantuta houses a traditional fair in which several groups rehearse and perform on Sundays. By researching the activities related to the musicking in this square, we seek to understand how it is articulated to the organization of the migrant community as a whole, how it contributes to the construction of this locality and how it might be an index of the diasporic character of this migrant community. To do so, ethnographic fieldwork in both physical and virtual settings was conducted.

Keywords: Musicking. Bolivian diaspora. Locality.

Em um domingo ensolarado do mês de outubro de 2018, por volta das 14h, um grupo de pessoas se reuniu na frente do Instituto Federal São Paulo (IFSP), na Praça Kantuta. Atrás das tradicionais barracas de comida, podiam-se ver vários grupos pequenos ensaiando uma dança sincronizada. Uniformizados com camisetas azuis e calças jeans, eles treinavam uma e outra vez os passos da dança ao som distorcido da música que tocava em uma caixa de som. Botas com guizos e chapéus de abas largas também faziam parte do figurino do desfile que estava marcado para as 16h.

Os membros do grupo "Caporales San Simón", ou simplesmente os *simones*, como também são denominados, se reuniram mais uma vez para comemorar o aniversário de 10 anos da fundação da filial paulistana dessa fraternidade. Um grupo de aproximadamente 180 *simones* participou no desfile-reencontro, acompanhado pela banda "Los Coquetos". Divididos em grupos menores, quadrilhas coreografadas desfilaram pelas ruas nos arredores da Praça até chegar no centro da mesma.

Esse desfile aconteceu no contexto da Praça Kantuta, que todo domingo abriga a 'Feira Boliviana'. A Praça, nomeada em homenagem à flor nacional do Peru e da Bolívia, está localizada no centro da Cidade de São Paulo, no bairro Canindé. Antes do meio-dia, mais de 70 barracas já estão preparadas para receber os frequentadores da praça. Uma variedade de produtos e serviços estão à disposição dos visitantes: pode-se encontrar uma oferta gastronômica relativamente diversa, com especialidades da cozinha boliviana e de outros países da região andina, bem como produtos vindos da Bolívia como mochilas tradicionais, roupas, acessórios e instrumentos musicais, cujo público alvo são os turistas. Oferecem-se também alguns serviços voltados para os migrantes que incluem assessoria jurídica, envio de remessas ao exterior, oportunidades de formação e até cabeleireiros.

Ao referir-nos à Praça neste trabalho, estamos nos referindo à localidade que é formada e acontece durante a feira típica boliviana nos domingos. O funcionamento da praça o resto da semana, não corresponde ao recorte que fizemos para o estudo.

Essa comunicação é produto da pesquisa de Iniciação Científica "Uma Bolívia Paulistana: o musicar da Praça Kantuta" (processo Fapesp 18/16204-8) ligada ao projeto temático "Musicar Local: novas trilhas para a etnomusicologia" (processo Fapesp 16/05318-7) e focará em três aspectos: (1) o contexto da migração boliviana em São Paulo e (2) a caracterização da Praça Kantuta e a construção dessa localidade, e (3) o musicar como índice da diáspora boliviana em São Paulo.

1. São Paulo e a migração boliviana

A cidade de São Paulo recebeu ao longo da sua história migrantes das mais diversas procedências. O caso da imigração boliviana é reconhecido na literatura acadêmica como tendo iniciado na metade do século XX. Silva (2006), um dos pesquisadores pioneiros desse processo de migração, aponta para três momentos históricos em que houve um fluxo migratório por parte de bolivianos para a cidade: (1) na década de 1950, com a vinda de estudantes bolivianos por meio de um programa de intercâmbio cultural entre o Brasil e a Bolívia, após o qual alguns deles decidiram ficar no país; (2) na década de 1980, com a vinda de trabalhadores menos qualificados para o trabalho na indústria da confecção, que, apesar das deploráveis condições trabalhistas às quais foram expostos, possibilitou a vinda de mais bolivianos para a cidade como parte dos processos de reunificação familiar; e (3) na década de 1990, com a manutenção do fluxo migratório e a consolidação da presença boliviana como o maior grupo de hispano-americanos na cidade, facilitado pela formação de famílias endogâmicas e a criação de associações culturais bolivianas.

Contudo, o número de bolivianos na cidade é desconhecido. Se por um lado, o Censo Demográfico do IBGE de 2010 registrou que 21.680 bolivianos moravam na cidade até 2010, por outro, outras instituições, como o Consulado da Bolívia em São Paulo, afirmam que há mais de 100.000 bolivianos na cidade, incluindo aqueles com uma situação migratória irregular.

Apesar da falta de informação sobre o processo migratório e sobre o número absoluto de bolivianos na cidade, a Praça Kantuta faz parte do imaginário da imigração boliviana na cidade de São Paulo. Em 2012, o Núcleo de Estudos de População (Nepo) da Unicamp publicou o livro "Imigração Boliviana no Brasil", organizado por Rosana Baeninger, o qual concentrou a produção acadêmica sobre o assunto até então em um único volume. Cinco dos autores dessa publicação (a saber, Silva, Vidal, Xavier, Freitas, Alves) mencionam a praça nos seus artigos, e a reconhecem como referência na geografia dos migrantes bolivianos na cidade. Talvez por ter se constituído como um espaço público de socialização, ela é reconhecida na imprensa e nos trabalhos acadêmicos sobre o assunto como um dos lugares primordiais para localizar os migrantes bolivianos.

A Praça Kantuta é, todavia, o resultado de uma série de ações que levaram à reivindicação desse espaço para o seu uso durante os domingos por parte dos migrantes bolivianos. Silva (2016) faz um relato dos acontecimentos que levaram ao estabelecimento da Praça Kantuta como ponto de encontro para esses migrantes. Segundo o autor, a Praça Padre Bento ou praça do Pari era o lugar do encontro desta comunidade no fim da tarde de domingo até 2002. Contudo, com o aumento da 'presença boliviana' veio também a oposição dos moradores da região, que acabou num abaixo-assinado, cujo objetivo era solicitar às autoridades competentes a remoção da feira boliviana da praça. O autor ainda menciona o episódio em que uma faixa foi colocada na praça pelos moradores, afirmando que eles eram os legítimos donos do espaço pois estavam ali há mais de cem anos (p. 71). Felizmente, houve uma ação institucional da Prefeitura de São Paulo que, na época, permitiu a relocação e oficialização da "feira típica boliviana Kantuta" em 2003 e o seu reconhecimento oficial em 2004 (ALVES, 2012, p. 236).

2. Uma Bolívia paulistana: A Praça Kantuta e a construção da localidade

Como já mencionado acima, a Praça Kantuta é o resultado de um processo histórico de reivindicação de um espaço de encontro para a comunidade boliviana. Chama a atenção como a necessidade de ter um espaço para se encontrar, levou a ações de distintos agentes para isso

se tornar possível. Esse processo não foi pacífico, como já relatado, e até hoje reflete as contradições da própria condição migrante e do encontro com o outro na cidade.

Contudo, parece que as pessoas se reúnem autonomamente nesse espaço e, hoje em dia, os laços que os frequentadores da praça têm vão além do fato de muitos deles serem concidadãos do mesmo país. Particularmente importante é o fato de que as atividades da praça não se reduzem ao comércio. O lazer faz parte integral da rotina da praça aos domingos: alguns jovens jogam bola na quadra da praça, algumas crianças mais novas brincam nos pula-pulas e em uma piscina de bolinhas, e outras simplesmente conversam. Outras pessoas sentam perto desses brinquedos e mexem nos seus celulares conectados à internet disponibilizada pela Prefeitura de São Paulo. Há também um pequeno palco no centro da praça com caixas de som que, além de fazer anúncios gerais sobre as atividades da feira, toca quase que exclusivamente músicas *latinas* – isto é, músicas dos países da América Latina, com exceção do Brasil.

A Feira tornou-se, nos últimos anos, um ponto turístico na cidade para aqueles que têm interesse em ter uma experiência de primeira mão com a 'cultura boliviana', pois ali pode-se encontrar uma oferta cultural com atividades que acontecem em pontos diferentes da Praça. Apesar das limitações próprias de um espaço aberto, vários grupos se reúnem ali para praticar várias atividades artísticas, muitas das quais incluem música e dança.

Constrói-se assim na Praça Kantuta uma *localidade* durante a feira boliviana de domingo. Para além do entendimento espacial de localidade, ou seja, enquanto espaço físico-temporal, interessa-nos como a localidade é construída enquanto uma "rede de relações sociais", como Massey (1993) a define. Entender que ela é construída, nos permite entender o seu caráter processual e temporário e, ao mesmo tempo, olhar para a multiplicidade de encontros/desencontros que a Praça possibilita e os vínculos que a mesma tem com outras localidades.

Em *Questions of Locality,* Massey também expõe que as localidades têm uma identidade própria, a qual depende dos seus vínculos e do reconhecimento da sua interdependência com outras localidades, a qual pode explicitar processos globais e locais. Logo, a Praça Kantuta, enquanto localidade, reifica uma rede de relações globais e locais e pode ser estudada como um exemplar de uma variedade de processos. Na nossa pesquisa, aparecem como mais relevantes (1) os processos de migração na cidade, especificamente o da comunidade boliviana; e (2) o *musicar* como prática que possibilita vários tipos de interação entre os frequentadores da praça, constitui-se como um meio para a apropriação do espaço público, e contribui com a consolidação dessa comunidade.

Ao olharmos para a Praça, o caráter migrante de uma parte substantiva dos seus frequentadores apareceu como uma característica distintiva. Por isso, julgamos adequado e relevante usar o conceito de *diáspora* na formulação e desenvolvimento do nosso olhar da comunidade que a frequenta. O etnomusicólogo Thomas Turino (2003) fez uma proposta de classificação de vários tipos de formações culturais trans-estatais. Nessa proposta, ele fez uma distinção entre "comunidade de imigrantes" e "diáspora" que achamos relevante para esse estudo: (1) uma diáspora não tem uma relação bilateral com o país de origem, ela pode ter vínculos com outros grupos de imigrantes em outros estados e (2) ela tende a ser uma formação longeva, ao contrário dos grupos de imigrantes, cujos membros tendem à assimilação e desaparecimento com o passar do tempo (p. 60).

A longevidade dessa comunidade na cidade a enquadrariam dentro da categoria de diáspora, mas precisávamos verificar no trabalho de campo se ela também teria relações com grupos de imigrantes em outros estados/países. No levantamento bibliográfico preliminar verificou-se a existência de outros grupos análogos em outros países como a Argentina e o Chile, mas até então não tínhamos certeza de haver entre eles vínculos que pudessem ser verificados.

3. O musicar na Kantuta: índice da diáspora boliviana

Alguns autores, como Solomon (2015) apontam que "a pesquisa na área de música em contextos diaspórico já mostrou como ela pode funcionar como um tipo de 'cola' social que liga comunidades diaspóricas que estão espalhadas em vários lugares do mundo" (p. 205). Por ter notado a presença de vários grupos artísticos (principalmente envolvidos com dança e música) durante as minhas visitas à praça, decidi focar a minha pesquisa no *musicar* dos frequentadores da praça, enquanto localidade que o possibilita.

Entendemos o musicar como um conceito que abrange qualquer tipo de engajamento com música (SMALL, citado em BRUCHER & REILY, 2018) e não está restrito à performance da música. Christopher Small, quem cunhou esse termo, o define como "participar, de qualquer forma, em uma performance musical, seja tocando, escutando, ensaiando ou treinando, fornecendo material para a performance (aquilo que chamamos composição) ou dançando" (1998, p. 9). Sob essa perspectiva, as pessoas engajadas com a música se tornam agentes ativos enquanto musicantes, mesmo se não estão tocando.

As especificidades do musicar da Praça Kantuta precisam ser estudadas com mais profundidade. Contudo, já foi possível identificar alguns agentes do musicar nos *performers* da

praça. Como no caso dos *simones*, que descrevi no início do texto, existem vários grupos artísticos que se reúnem para aprender e performar danças tradicionais da região andina. Sabemos que há outros agentes desse musicar, mas para os propósitos desse texto, podemos olhar para esses grupos e os seus participantes como agentes relevantes do musicar da Praça.

Ao iniciarmos a pesquisa, tínhamos a hipótese de que ao olhar com mais cuidado para esse engajamento, poderíamos enxergar as nuances que a prática do musicar adquire nesse contexto e, possivelmente, entender melhor qual o papel dele dentro dos processos de socialização dessa comunidade. É por isso que focamos a primeira parte do trabalho de campo em fazer um mapeamento em que pudéssemos identificar quais os grupos que musicam na Praça, ou seja, quais grupos se reúnem, se apresentam, ou têm algum vínculo com a Praça Kantuta e, ao mesmo tempo, tem algum tipo de engajamento com música.

No início da pesquisa, comecei a realizar o mapeamento de forma presencial com visitas regulares à praça. Contudo, foi difícil acompanhar a atuação de alguns grupos já que os encontros nem sempre são regulares e, por vezes, a minha carga de trabalho de aluno de graduação, tornou difícil que eu conseguisse visitar a Praça. Na impossibilidade de visitar a Praça todos os domingos, comecei a acompanhar as atividades da Kantuta por meio da internet, fazendo trabalho de campo virtual nas redes sociais. Isso facilitou a identificação dos grupos que tem uma atuação nessa localidade, já que muitos deles têm páginas de *Facebook* ou *Instagram* em que publicam as suas atividades e há, frequentemente, registros no Youtube dos eventos que lá acontecem.

Vale a pena ressaltar que realizar o trabalho de campo virtual ajudou a confirmar a hipótese de que essa comunidade de migrantes pode ser considerada uma diáspora pois permitiu verificar a existência de vínculos com outras comunidades de migrantes em outros países. O musicar é então um índice importante do caráter diaspórico desse grupo de migrantes. Um exemplo disso é o grupo que descrevi no início desse texto: o grupo *Caporales San Simón*, faz parte de uma rede de grupos com o mesmo nome que tem filiais em outros países. No caso dos *simones*, verificou-se que há filiais em vários países da América Latina como Argentina, Chile, México e Peru; nos Estados Unidos, e em alguns países europeus, como Espanha, Inglaterra, Itália e Suécia.

Parece que outros grupos que se reúnem na praça funcionam também dessa forma e mantém vínculos com grupos em outras cidades e países. Além disso, a Praça Kantuta recebe, em algumas ocasiões, a visita das filiais internacionais desses grupos, o que a torna uma

localidade-plataforma aberta à atuação não apenas dos grupos conformados pelos migrantes que moram em São Paulo, mas também os grupos vindos do exterior.

4. Considerações finais

Como mencionado acima, o musicar da Praça Kantuta pode ser considerado como um índice do caráter diaspórico dessa comunidade de migrante, já que permite verificar os seus vínculos com outros grupos de migrantes ao redor do mundo. Essa comunidade de migrantes tem as duas características descritas por Turino para ser classificada como diáspora: (a) é uma formação longeva e (b) tem vínculos com outros grupos de migrantes em outras localidades. Assim, o musicar também faz parte da construção dessa localidade, pois visibiliza o fluxo de informação e práticas entre várias localidades diaspóricas e é um exemplar dos processos de migração e socialização dessa comunidade em São Paulo.

Por outro lado, consideramos importante ressaltar que o trabalho de campo virtual contribuiu consideravelmente com o nosso entendimento das particularidades dessa localidade e dos agentes que nela interagem. Além disso, dado o caráter itinerante dos grupos, não foi possível até agora, localizar alguns deles que, por registros audiovisuais disponíveis na internet, sabemos que têm uma atuação na praça.

Há ainda questões relacionadas com a identidade dos musicantes que permeiam a representação deles no contexto mais amplo da cidade. No levantamento bibliográfico que explora a interface diáspora-música, pudemos encontrar a noção de *hyphenated-identities* ou "identidades hifenizadas", em tradução livre, de Tina Ramnarine (2007), que descreve identidades que precisam de um hífen para serem descritas e explicitar a sua multiplicidade, como no caso de *Black-British* ou *Asian-American.* Essa noção, apesar de ser criticada pela autora já que pode invisibilizar outras formas de construção de identidade, levantou a questão de se, na representação ampla desse grupo de migrantes, não poderíamos estar esquecendo que muitos deles não se identificam mais apenas como bolivianos, mas sim como bolivianos-brasileiros, ou como bolivianos-cosmopolitas, que não necessariamente caberiam nas identidades a eles impostas pelas divisões dos estados-nação.

Referências

ALVES, Ubiratan. Imigrantes bolivianos em São Paulo: a Praça Kantuta e o Futebol. In: BAENINGER, Rosana (Org.). *Imigração boliviana no Brasil.* Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp, 2012.

BAENINGER, Rosana (Org.). *Imigração boliviana no Brasil.* Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp, 2012.

BRUCHER, Katherine, & REILY, Suzel. (2018). Local Musicking: An Introduction. In: *The Routledge Companion to the Study of Local Musicking.* Routledge, 2018, pp. 1-12.

MASSEY, Doreen. Questions of locality. *Geography,* v. 78, n. 2, pp. 142-149, 1993.

RAMNARINE, Tina. Musical Performance in the Diaspora: Introduction. *Ethnomusicology Forum*, v. 16, n. 1, pp. 1-17, 2007.

SILVA, Sidney. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. *Estudos Avançados*, v. 20, n. 57, pp. 157-170, 2006. https://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142006000200012

_____. Festas e tradições bolivianas na metrópole: o caso das devoções marianas. *Domínios da Imagem*, v. 10, n. 18, pp. 67-85, 2016.

SMALL, Christopher. *Musicking: the meanings of performance and listening.* Middletown, CT: Wesleyan University Press, 1998.

SOLOMON, Thomas. Theorizing Diaspora and Music. *Lidé města*, v. 17, n. 2, pp. 201-219, 2015.

TURINO, Thomas. Are We Global Yet? Globalist Discourse, Cultural Formations and the Study of Zimbabwean Popular Music. *British Journal of Ethnomusicology,* v. 12, n. 2, pp. 51-79, 2003. http://www.jstor.org/stable/30036849